Foto: Horácio Novaes

MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA: HORAS DESPREOCUPADAS E FELIZES

A maçaroca

Foto Albert

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL — ASSINATURA AO ANO, 12$00 — PREÇO AVULSO 1$00

S U M Á R I O

SETEMBRO 1944 — N.º 65

Aquêle Sangue...

O caso já se passou há tempos — e mais longe parece que vai, neste correr vertiginoso dos acontecimentos da hora presente.

Mas vale a pena não o esquecer nunca...

As sereias tinham anunciado o final do bombardeamento — o primeiro aos subúrbios de Roma — a Cidade Eterna.

A voz correu logo: com destruïções de tôda a ordem, mortes, muitas mortes.

O Santo Padre pôsto ao corrente da desgraça manda vir o seu automóvel e quere ir ver e quere ir abençoar e consolar.

É Pai. Aquilo tudo, aquela dor de todos é também sua — quási mais d'Êle do que de ninguém mais.

E o comunicado dessa saída histórica do Vaticano de Pio XII resa assim a certa altura:

«...e uma maca em que jazia um jóvem gravemente ferido, parou diante do Santo Padre.

«Sua Santidade inclinou-se sôbre o ferido e quando se ergueu a sua batina estava manchada de sangue.»

Laconismo comovente e quadro para a Eternidade.

O mundo de hoje está materializado de tal forma que não acaba de saborear, nem pode reflectir suficientemente sôbre estes «pequenos nadas» da história de cada dia.

E, no entanto, são êles que sustentam e, apesar de tudo, ainda elevam o mundo das almas rasteiras que somos quási todos nós.

Outro comentário:

Era um jóvem o ferido —

...e o sangue que foi cair em mancha rubra de sangue vivo no branco virginal da batina pontíficia era daquêle jóvem...

Aquêle sangue inocente sôbre a alvura pontifical é um grito, talvez o mais alto de todos — símbolo e síntese de tôdas as lágrimas e dôres e angústias que a Terra vem erguendo contra a guerra e a morte...

...em nome de todos os inocentes e de tôdas as injustiças que caem sôbre nós.

Sangue da mocidade...

A ter de ser, a ter de haver sangue derramado, que seja vosso, ó Mocidade!

Sangue sem mancha e sem mistura...

...sangue puro de traições e de cobardias...

...sangue sem pecado...

que seja êle — o vosso — sangue em graça e em pureza, a subir em holocausto, a queimar-se pelos outros...

a **dar-se** generosamente aos outros e pelos outros...

...sobretudo pelos que mais precisam de redenção.

Por vossa conta, à custa de sangue **dado** a cantar e a sorrir **na alegria** total de uma grande vida...

... de uma **vida pura** ... pura — **virginalmente branca**

...venha a nós o reino do Amor,

...o reino da Paz,

...da Justiça

...e todos os bens do Homem.

Aquêle sangue pede e reclama o nosso sangue.

Sangue das nossas generosidades...

Sangue de renúncias generosas...

Há em nós, sobretudo **dentro de nós,** tanto e tanto que precisa ser arrancado **com sangue!**

O mundo da meia dúzia dos políticos que governam os acontecimentos não quiz ouvir ainda a Voz do Papa...

Quem sabe se por nós não termos ainda juntado à sua voz maguada e branca a pedir paz e amor, o sangue dos nossos sacrifícios é que o Senhor ainda não O ouviu!

Se neste mesmo instante fizéssemos um exame de consciência? Não teremos responsabilidades?...

A guerra com o cortejo sinistro de hecatombes que provoca há anos não será expiação por mim — e por eu própria não ter expiado **com sangue** — posto a ferver em mil febres resgatadoras na taça mística de uma linda Oferenda?...

Se eu me quizesse **oferecer?...**
até ao Sangue...

G. A.

S. S. Pio XII

1.º CURSO de FÉRIAS

PARA DIRIGENTES DOS CENTROS PRIMÁRIOS

Fotos: Martinez Pozal

Alunas que tomaram parte no 1.º Curso de férias para Dirigentes dos Centros Primários da M. P. F.

Aula prática de culinária

ESTE curso, que era há muito um desejo do Comissariado Nacional da M. P. F., realizou-se em Lisboa de 13 de Agosto passado a 3 de Setembro, e foi frequentado por 110 alunas.

Projecto tão grande e belo, quási parecia impossível realizá-lo como a imaginação o tinha concebido.

Mas o sonho tornou-se realidade, e se em alguma coisa a realidade se diferençou do sonho, é que o sonho foi excedido pela realidade!

Êste Curso — destinado a alunas do 2.º ano do curso para Dirigentes da M. P. F. que funciona nas Escolas do Magistério Primário — tinha por fim «intensificar nessas alunas o amor pela profissão que irão exercer, desenvolvendo-lhes a consciência dos deveres para com a Nação e proporcionando-lhes alguns meios práticos de aperfeiçoamento de formação moral, nacionalista e profissional».

Uma série de conferências — uma em cada dia para não tornar o horário pesado — foi um dos meios adoptado para alcançar o fim em vista.

Foram oradores alguns nomes ilustres do professorado, os quais bastariam para mostrar a elevação e o interêsse que tiveram as lições: Dr. João Serras e Silva, Dr.ª D. Cesina Bernardes, D. Maria Eugénia de Moura Borges, Dr.ª D. Elisa Rosabela da Silva Santos, D. Fernanda Guardiola, Dr. Manuel Múrias, Dr. Victor Fontes, D. Maria Joana Mendes Leal, Eng.º Agronomo José da Orta Cano Pulido Garcia, Dr. José Manuel de Orey Dr. Correia de Melo, Dr. Mário dos Santos Guerra, Dr. Octavio Neves Dordonat, Dr. António L. de Figueiredo e Dr. José Manuel da Costa.

Dignou-se abrir o Curso, presidindo à 1.ª conferência, o Ex.mo Senhor Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional, Dr. Manuel Lopes de Almeida e encerrou o Curso, presidindo à última, o Ex.mo Senhor Dr. João de Almeida.

E' impossível dar sequer uma idéia do que foram estas magníficas lições, mas tôdas elas, cada uma a seu modo, procuraram incutir nas alunas o que o programa se propunha: «a noção da responsabilidade que cabe à professora primária debaixo do ponto de vista social, pois a sua mis-

Primeiros socorros

são não se limitará a actuar junto das crianças que lhes serão confiadas, antes deve estender-se a todo o meio em que vão viver».

E destinando-se a maioria das professoras primárias ao exercício da profissão nos meios rurais, êste aspecto da sua formação foi especialmente trabalhado, ao mesmo tempo que a sua preparação familiar doméstica.

Aulas de culinária, economia doméstica, lavores, higiene pessoal e da casa, puericultura, primeiros socorros e tratamento de doentes, tudo isto entrou no programa e se cumpriu, num número limitado de lições, mas tôdas tão úteis que, se nem tudo houve tempo para ensinar, ficou nas alunas o desejo de aprender!

A ginástica e o canto coral, constituído especialmente por cânticos regionais e nacionalistas, vieram ainda completar a feição prática do programa.

A' formação moral foram dedicadas três horas por semana, e outras três à formação nacionalista.

Filmes culturais, e outros, e ainda visitas de estudo a obras sociais, etc., ajudaram a documentar e a alargar os ensinamentos adquiridos nas lições.

Foram visitados o Bairro Social da Quinta da Calçada, a Casa dos Pescadores de Setúbal, os Serviços de Assistência Social da fábrica Secil de Outão, a Casa do Povo de Azeitão, a Colónia de Férias da F. N. A. T., o Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, etc.

Lições vivas que não esquecem e que a par de vastos conhecimentos proporcionaram às alunas horas de intenso prazer espiritual.

Danças regionais

Lição de gimnástica

O programa, organizado com inteligência, procurou unir o útil ao agradável, e resultou um Curso de férias alegre e movimentado em que se aprendeu muito e se gozou plenamente.

A Tapada da Ajuda, a estação Agronómica Nacional, a Tôrre de Belém, o Castelo de S. Jorge, a Madre Deus, o Museu das Janelas Verdes, o Aqueduto das A'guas Livres, o Estádio Nacional, os Miradouros da Serra de Monsanto, Sintra, Cascais, Estoril, etc., foram ainda marcos do itenerário maravilhoso que as alunas do Curso percorreram encantadas.

Realizou-se também uma vista ao submarino «Delfim» e ao barco de guerra, «Gonçalo Velho».

E, ainda, um concêrto em homenagem às alunas, no qual colaboraram os artistas: Olga Violante, Jorge Croner de Vasconcelos, Silva Pereira, Sérgio Varela Cid e o musicólogo e conferencista Mário de Sampaio Ribeiro.

E para que nada faltasse, e até aquêles desejos que pareciam irrealizáveis ficassem como a mèlhor das recordações dêste 1.º Curso de férias, sua Ex.ª o Senhor Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar, dignou-se receber as futuras Dirigentes dos Centros Primários, gentileza que marcou o momento supremo dêsses dias, tão cheios já de coisas boas!

Também ficou inesquecível o afectuoso acolhimento que o Ex.mo Senhor Dr. Mário de Figueiredo, Ministro de Educação Nacional, dispensou às alunas do Curso.

Por fim, uma romagem a Alcobaça, Batalha e Fátima.

E o Curso, para o qual algumas das alunas entraram desinteressadas ou até com mal escondida contrariedade, terminou deixando tais impressões, que as próprias descontentes da primeira hora dnclararam que o seu desejo seria voltar! Ao menos, mais uma vez... duas vezes!

E' que o curso rasgou horizontes que deslumbraram na visão dum serviço mais alto e mais perfeito.

E' que o curso satisfez, não só os espíritos, como proporcionou às alunas dias que se sucederam breves, sempre na surpreza de novos prazeres.

Passeios, visitas culturais... O ambiente do Curso, alegre e íntimo, e o confôrto da casa, e a varinha mágica da inexcedível boa vontade da Ex.ma Comissária Nacional da M. P. F., que sempre se esforçou por realizar todos os desejos das alunas do Curso — havia até uma caixa para os receber — tudo contribuiu para o sucesso dêste 1.º Curso de férias para Dirigentes dos Centros Primários.

Carmen Sylva

BREVE deve aparecer no *écran* um filme extraído de um conto de Carmen Sylva, por isso lembrou-nos que seria interessante dizer algumas palavras sôbre a Raínha Isabel da Roménia, que foi conhecida e celebrada sob êste pseudónimo.

"Poetisa, rainha e mãe,, assim a define um homem de estado da Roménia, e essas três coroas, que brilharam com fulgor na sua fronte, ela as soube valorizar, executando o propósito que escrevera: "As coisas mínimas que temos a fazer façamo-las como se fôssem grandes; e aquilo que somos, sejamo-lo inteiramente".

Coroa de louros de escritora, mereceu-a pela sua actividade literária, prodigalizando o seu peregrino talento em poesias cheias de inspiração, em livros de novelas, muitas elas extraídas das lendas curiosas da Roménia.

O seu espírito impregnado de melancolia e romantismo não deve agradar à geração moderna, que admirará porém a pureza dos seus escritos e o seu amor da natureza.

Nascida princesa de Wied, pequeno principado da antiga Alemanha, passou a sua infância e a sua mocidade na saudosa vida de outrora, calma e patriarcal, entre frondosos bosques (a guerra tê-los-á poupado?) e essas florestas cantá-las-á com a maior ternura, mesmo na sua pátria nova, e delas tirará o seu nome literário: *Carmen — canto; Sylva — bosque.*

O diadema real, coroa que deslumbra os de fora mas que tantas vezes pesa duramente na cabeça dos reis, êsse diadema também o soube honrar a Raínha Isabel da Roménia. Conquistou o amor do seu povo, a quem se dedicou com tôda a alma, protegendo-o, auxiliando-o, ensinando-o, e assim exerceu o papel de rainha: sendo mãe dos seus vassalos.

Foquemos apenas três pontos; nêles veremos já prenúncios de obras sociais do nosso tempo, obras adivinhadas no último quartel do século XIX pela inteligência benéfica de uma mulher!

Percursora do regionalismo, ressuscitou o traje nacional tão pitoresco, que ela própria, e as damas da côrte a seu exemplo, usavam quando no campo.

Do mesmo modo fez reviver os lindos bordados do país, abrindo escolas, onde eram ensinados, animando aquelas que os executavam com prémios, exposições, etc.

Também foi propagandista de leituras para o povo, pois a literatura popular estava muito pobre, e mandou traduzir e espalhar livros instrutivos e recreativos.

Enfim ocupou-se muito da mocidade feminina, para a qual não sòmente abriu escolas modelares, mas a quem se consagrou ela própria; rodeada sempre de jóvens meninas, procurava formá-las, instruí-las e alegrá-las.

Coroa de mãe, coroa que para ela poucas rosas traria, mas ia ser coroa de acerbos espinhos. A única filhinha que Deus lhe concedeu, apenas tocaria ao de leve nesta terra, onde raínhas e mendigas bebem o mesmo cálix da dor.

Quatro anos sòmente, a princesinha graciosa e meiga seria o enlêvo dos pais e o encanto do povo; a escarlatina e a difteria cortaram aquela vida em flor, e a alma inocente iria brincar com os anjos do céu.

A maior dôr humana, a perda de um filho, ia de ora em diante amargurar a vida da rainha, mas o sofrimento que a torturava não a impediu de continuar a cumprir todos os seus deveres.

Na religião encontrou doce bálsamo para o seu desgôsto. Carmen Sylva nasceu protestante e mais tarde adoptou a religião grega; mas, como nós, acreditava na vida eterna, e cantava a felicidade da filhinha no céu: "É minha para a eternidade... antes perdê-la que não ter sido mãe... regozijo-me de a saber feliz,,. Eis palavras cheias de fé cristã e de esperança consoladora de quem teve a vida aureolada pelo talento pela glória, pela maternidade e pela dor.

V. P.

HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ

A trovoada

A minha avó era a mais nova de quatro irmãs. Uma irmã com mais vinte anos, que já era casada e tinha uma filhinha quando ela nasceu, e dois irmãos também já crescidos; de forma que lhe faltou a companhia de crianças dentro de casa.

Quando estava em Buenos Aires brincava com as sobrinhas, que eram três e quási da sua idade, mas viviam numa quinta nos arredores da cidade, o que fazia com que nem sempre tivesse crianças com quem brincar. Na cidade de Dolores tinha por companheiras as filhas duma amiga de sua mãe.

Onde ela se sentia verdadeiramente feliz era na estância, isolada com a sua extensão de léguas. As vizinhas mais próximas estavam a quarenta quilómetros.

Mas como a estância era quási uma aldeia, com a enorme porção de criadas e criados, com as suas famílias numerosíssimas, havia uma enorme quantidade de crianças.

E ali sua mãe e sua avó, que viveu até aos cento e doze anos, tinham tanto que fazer vigiando as criadas numa casa onde tudo se fazia, porque a distância a que estavam de lojas e fábricas obrigava a que se fizesse em casa o sabão, as velas, para a iluminação, enfim tudo o que era preciso para a vida, o que tornava a vigilância da dona da casa absolutamente necessária e a levava a ocupar-se menos com a pequenita que era feliz vivendo mais à vontade.

Feliz como se é em criança quando se tem liberdade. Muito loira, com uma pele deslumbrante de leite e rosas, ela era uma pequena rainha da garotada do «rancho». Filhos de «gaúchos», vivendo sempre a vida livre dos pampas, êles ensinavam-lhe a fazer armadilhas aos pássaros, a procurar ninhos nos campos, a descobrir tocas da bicharada.

E ela nunca esqueceu as grandes emoções da sua vida de criança. As grandes matanças de carne para aproveitar os couros, em que a carne era desprezada e se dava aos pobres, que sabendo sempre por um misterioso aviso quando elas se faziam, apareciam nos seus magros cavalos ou a pé e recebiam pernas inteiras de bois ou quartos de vitela e a «churreavam» em grandes fogueiras comendo-a deliciosamente assada no espêto, como agora já no mundo civilizado se não come.

E o espectáculo que era para os seus olhos de criança ver domar os potros, que saíam enralados e atirando por cima das orelhas os «gaúchos» mais cavaleiros dos arredores.

E ainda se ria, orgulhosa, contando como seu irmão Marcos, um lindo rapaz de 15 anos, conseguira domar, como um jóvem centauro, um potro que desmontara os mais hábeis cavaleiros dos arredores e em vinte dias amansá-lo, e como depois a levava sentada adiante dêle na sela, galopando ao vento que lhe desmanchava os caracóis loiros, com grande desespêro da mãe que a via chegar despenteada, o vestidinho sujo e roto, mas alegre, feliz, embriagada de ar e de movimento

Um lindo dia de primavera ela e as suas companheiras de brincadeiras organizaram uma batida aos ninhos. Um dos rapazitos veio dizer que tinha descoberto um ninho com ovos de avestruz, e que era perto, que poderiam ir buscá-los; levariam pimenta, manteiga e sal, e, cozinhando-os nas cinzas, nas próprias cascas, os comeriam.

Correndo à sala de engomar onde a mãe vigiava as criadas que passavam a ferro a roupa da grande barrela do ano, pediu licença para ir com os pequenos. A mãe deu-lhe licença, mas com a condição de que iria tambem Conchita, a criada encarregada de a vigiar. Era uma rapariga de 16 anos alegre e engraçada.

Depois de almoçar partiram todos levando cestinhos com o «lunch», em que à volta trariam os ovos que encontrassem, e lá foram pela planície fora, que altas gramíneas faziam com que fôsse uma floresta para os seus seis anos incompletos.

As pequenas e rapazitos, habituados a andarem pelos campos, procuravam os ninhos dos pássaros, que naquelas regiões de poucas árvores os fazem no chão. Ela seguia pela mão de Conchita que afastava a vegetação para que a não magoasse, enquanto os seus companheiros corriam a mostrar-lhe os ovos verdes com pintinhas brancas do «teru-teru» o pássaro que se ouvia ao longe, do «beu-te-béo picatau» que muitas vezes, quando estava brincando, a assustava com o seu grito «beu-te-béo», que lhe parecia a ela uma ameaça, como se estivesse fazendo mal.

De repente ouviram gritos e viram chegar um dos rapazes tapando a cara e chorando. Tinha visto um «guanáco» e correra sôbre êle, que se metera numa toca, deitou-se e o felpudo bicho esguichou a sua fétida defesa, deixando-o com os olhos a arder e um cheiro tal que as outras crianças não o queriam aproximar.

Finalmente numa clareira encontraram o ninho de avestruz, que estava ausente e onde quatro ovos grandes luziam na sua grossa casca.

Os rapazitos acenderam a fogueira e deixaram arder até ficarem as cinzas e ali puseram os ovos de avestruz e depois os outros que tinham colhido.

Conchita abriu os cestos e tirou o «lunch» que além de bifes tinha as empadas tão deliciosas com o seu recheio de carne e passas doces, e as célebres «alfajores» que se compõem de bolachas de massa tenra fria, com recheio de doce de farinha de pau, embrulhadas em farinha de pau torrada, misturada com açúcar e canela.

Lancharam contentíssimos e bem dispostos. Conchita olhando sempre com carinho pelos pequenos, principalmente por Etelvinita.

Os pequenos espalharam-se de novo à procura de mais ninhos

A certa altura Conchita reparou que grossas núvens se acastelavam e corriam sôbre êles e começou chamando os pequenos. As trovoadas são medonhas naquela região. Enfiou no braço os cestos, deu à pequenita a mão e começou a volta para casa. Algumas das pequenas acudiram aos seus gritos, mas as que se tinham afastado mais não respondiam.

Os relâmpagos começavam a fuzilar e escurecia de tal maneira que parecia vir a noite; os filhos dos «gaúchos» habituados ao terreno corriam e quando as primeiras gotas de chuva caíram já iam longe. Conchita e a pequenina cheias de mêdo tropeçavam nas raízes e viam-se envoltas pelas altas gramíneas, que as açoitavam com o vento que as dobrava. A certa altura havia dois trilhos no campo e tomaram por aquêle que não devia ser.

Batidas pela chuva e pelo vento caminhavam como podiam, tremendo, rezando e chorando. Em dado momento um

(Continua na pág. 12)

A NOSSA CASA

Fotos: F. Martinez Pozal

De há muito que se vinha fazendo sentir a necessidade da M. P. F. ter uma casa — a **Nossa Casa**. As casas das Colónias de férias, que se abrem e se fecham no escasso período de dois meses, são mais um abrigo do que uma verdadeira casa.

Falta-lhes a estabilidade e o ambiente que constituem o lar.

Sem casa, dificilmente existe espírito familiar.

A M. P. F., que pretende ser ela própria uma grande família e deseja preparar as filiadas para o desempenho dos seus deveres familiares, só poderá atingir a plenitude do seu ideal quando tiver uma **casa** onde se viva em família e onde se aprenda a contribuir, cada uma com a sua parte, para a felicidade de todos.

O espírito de família que a M. P. F. deseja inculcar nas suas filiadas tem de ser composto não só de princípios morais e de virtudes domésticas, mas ainda de impressões sensíveis: a recordação duma casa... duma intimidade... costumes... tradições... um cantinho onde se lê... uma mesa onde se escreve... uma luz que brilha... umas flores que alegram... um quadro que impressiona... janelas abertas sôbre o campo ou sôbre o mar... uma escada com um corrimão florido... uma sala de jantar risonha... um quarto tranqüilo — tudo quanto é capaz de dar apêgo à casa e criar amor da família.

Porisso a Delegacia da Estremadura não descansou enquanto não teve uma casa — a **Nossa Casa**.

Casa da Mocidade, casa para raparigas, foi escolhida a mais alegre que se encontrou.

Muitas janelas. Pinturas claras, móveis sólidos e simples, cretones garridos, enfeites de bom gôsto.

Nenhum ornamento a sobrecarregar excessivamente, mas nada que faça falta para a higiene, a ordem e a comodidade.

E por tôda a parte aquela nota de beleza, que não chega a ser um supérfluo, porque as coisas belas também possuem uma função educativa.

Diante do que é belo, o espírito ergue-se instintivamente, e, elevando-se, deixa abaixo de nós o que é inferior e mesquinho.
"A fealdade e a imoralidade são duas coisas que freqüentemente andam juntas", disse alguém.
Na **Nossa Casa** pretende-se o contrário: que a beleza e a moralidade sejam companheiras.
O asseio, a ordem e o bom gôsto são elementos de beleza e moralidade.

Não sujar

Não estragar

Não desarrumar

Ajeitar

Alindar

Tocar tudo de graça

São regras da **Nossa Casa**.

E como a **casa** não é apenas a habitação material mas o lugar em que se concentram os mais elevados sentimentos humanos, na **Nossa Casa** pensa-se também na alegria dos corações e na santificação das almas.

Poderiam ser de oiro as portas da **Nossa Casa**; se lá dentro não houvesse amor nem ideal, quando se abrissem as portas de oiro encontrar-se-ia só "silêncio, escuridão e nada mais!".

A **Nossa Casa** é modesta, mas está cheia de simpatia e boa vontade, porisso ela não desengana os que vão bater à sua porta.

Sempre um sorriso

Sempre uma palavra boa

Sempre a generosidade das pequenas coisas

Queremos que a **Nossa Casa** seja quente como um coração e aconchegada como um ninho.

O nosso sonho é que a Mocidade seja uma dessas "belas famílias em que se anda em grupos e como que em côro pelo caminho do céu, à maneira das estrêlas que gravitam em constelação no firmamento".

Estrêlas de grandezas diferentes, mas tôdas juntinhas e lá pelas alturas!

. · .

A **Nossa Casa**, que se inaugurou com a instalação da Colónia de Férias da Delegacia de Estremadura, que ali funcionou durante os mêses de Agosto e Setembro, ficará aberta todo o ano com destinos diferentes.

Ficarão ali a residir as alunas dos Cursos de Instrutoras da M. P. F. e as filiadas — uma de cada província e distritos autónomos das Ilhas Adjacentes — a quem o Comissariado Nacional proporciona gratuitamente a freqüência das Escolas Superiores.

Realizar-se-ão ainda ali cursos de aperfeiçoamento para dirigentes e graduadas e de preparação para noivas.

Nas férias de Natal e de Páscoa e nos "fins de semana" a **Nossa Casa** acolherá também, como prémio, as filiadas que por qualquer motivo se tenham distinguido e mereçam essa recompensa.

TENHO EU DIREITO A SER FELIZ?

Foto Dr. D. Fernando d'Almeida

"TENHO EU DIREITO A SER FELIZ?" Interrogava-me uma bela rapariga dos seus 17 anos, juntando as mãos sôbre o peito num gesto suplicante de prescrutadora ansiedade, em que os seus olhos — negros e profundos, bem portugueses — me fixavam, mal contendo no íntimo a luta amarga da razão e da vontade diante da vida.

Direito a ser feliz? «Sim», respondi.

E nesses mesmos olhos, há pouco angustiosos, raiou uma esperança e iluminados por ela, sorriram...

Lutar pela felicidade? Sim, é um direito, que impõe deveres.

Está na tua mão o segrêdo da felicidade; procura-o com «olhos de ver» e acharás a chave — a Moral Cristã — que a tua mão — norteada por uma vontade firme e sincera — abrirá...

Está ainda na tua mão dar a volta à chave... resoluta, decididamente, dominando e governando em ti as paixões e inclinações baixas, corrigindo defeitos, educando as tuas faculdades e energias latentes.

Árdua tarefa. Ciosa da tua felicidade, senhora de ti, fixa-te pés juntos, em plena estabilidade — a grande vencedora da inquietação, da dúvida, da insatisfação, da intranqüilidade, da incerteza, do mal estar, do «não sei o que tenho»... inimigos fidagais da felicidade.

Firme nessa estabilidade, não perderás o pé no areal movediço da vida, que tem os seus improvisos, as suas surprezas, os seus segredos.

Põe tôda a tua juventude em adquirires essa rara virtude, que é equilíbrio; linha de conduta, sempre recta, sempre a mesma, sempre e em tôda a parte integralmente cristã.

Para ser feliz, faz da tua vida um «fio de prumo».

Procura manter a estabilidade na virtude e o aprumo moral que te farão distinguir entre as outras raparigas e exercer sôbre elas a influência do bom exemplo — e não só «terás direito a ser feliz», mas o que é mais: espalharás felicidade à tua roda!

«Está bem perto de nós, afinal, o segrêdo da felicidade...» (1)

Maria Amélia Macedo dos Santos

(1) *Card. Patriarca de Lisboa. Prefácio de «Condições de felicidade», 1943.*

Barcos na areia e barcos no mar

Foto Alípio A. da Silva — Maré baixa

O autor dum belo livro «Lui!...» apresenta-nos o contraste entre um barco imóvel sôbre a areia e outro vogando em pleno mar.

Fora da água, o barco perde tôda a graça e fica até com um aspecto humilhante.

«Mas lançam o barquinho à água... Como por encanto a graça volta.

Docemente, serenamente, o barco desliza como um cisne. Porque o vemos agora tão belo, tão gracioso, tão ligeiro?

E' que agora o barco está no seu lugar. Há pouco, não estava. O barco é feito para navegar.

E o homem?...

O homem?... Cá em baixo, é feito para conhecer a Deus, para O servir e amar; e depois, mais tarde, lá em cima, para satisfazer enfim a sua sêde de felicidade.

Sim, se quereis que tenham o que reclama a sua natureza, ao homem, dai Deus... e dai as ondas ao barco».

Ao ler estas palavras, aqui na praia onde me encontro e onde tantas vezes vejo barcos na areia e barcos a cruzar o mar, eu senti como é exacto o que o autor de «Lui!...» nos diz nesta passagem que acabo de vos transcrever.

Um barco fora da água tem na verdade um ar triste, como se tivesse consciência de que não serve para nada e como se se sentisse desgostoso por ter perdido a sua beleza.

Quando, privados da graça santificante, deixamos de viver em Deus, a nossa situação é idêntica à de um barco abandonado na areia ou ali paralizado pela maré baixa.

Estamos fora do nosso elemento. Tornamo-nos uma pobre coisa inútil e miserável, que mais parece um destrôço...

Mas quando a nossa alma vive na graça de Deus, somos como um barco que as ondas balouçam e levam mar fora... Como é belo!

Raparigas da *Mocidade!* Tive hoje, aqui na praia, uma visão maravilhosa. Vi sôbre o mar uma infinidade de velas brancas! Cada barquinho era uma de vós, a seguir a rota do vosso destino... até ao céu!

Que nem uma fique para traz, encalhada na areia...

Fostes criadas para Deus como os barcos para a água!

Coccinelle

Velas brancas

Foto Platão Men

CUI! CUI! CUI!... Uma alegre chilreada de passarinhos despertou Quica, no dia seguinte, já manhã alta... Abriu os olhos, somnolenta e esquecida quási do lugar onde estava! Julgava-se a dormir na sua cama antiga, lá da ilha e, abertos os olhos, realizou então a distância imensa que a separava da terra natal! Lembrou-se da mãe, do pai e a saúdade apertou-lhe a garganta, suspirou e pensou que era-lhe preciso ter coragem, e realmente sentia-se tão bem naquêle fôfo colchão, quentinha sob o «edredon» macio, naquêle quartinho tão alegre e garrido... Cui... cui... fez de novo a passarada como a chamar a dorminhoca Quica.

— Chamam-me! exclamou esta, rindo... — e talvez tenham razão! Toca a levantar para ir depressa conhecer êstes arredores! — e, erguendo-se no leito, correu a cortina de eretonne e um raio de sol entrou furtivamente no quarto...

— Até que enfim eu vejo o sol! Vamos depressa vestir!

Rápida, saltou fora do leito e começou a lavar-se... reparou que enquanto dormia lhe tinham trazido água quente... que bela idéia, agora em dez minutos se aprontaria... Cui... cui... faziam sempre os passarinhos... Já quási pronta, Quica chegou à janela... no parapeito, um passarito pequeno, de papo encarnado, passeava de um lado para o outro, muito contente... não se assustou ao ver o rosto de Quica, colado à vidraça, antes correu para ela como um velho conhecido!

— Que engraçado! Naturalmente está habituado a vir aqui... espera... tenho ali um resto de bolos, vou dar-lhe umas migalhinhas... — E, abrindo a janela, Quica regalou o sociável papinho-encarnado com um banquete de migalhas; o passarito comia gulosamente e até parecia rir para ela...

— Quica! Quica! — chamou de fóra a voz de Maggy — *are you yet as sleep?* ainda dorme?

— Não! — gritou Quica... — já estou pronta, prima... entre se faz favor...

— *¿Oh! Good-morning!* — disse Maggy, entrando... — *Did you sleep well?* Dormiu bem?

— Òptimamente... e a prima?

— Eu! Durmo sempre bem! um sonho de anjos! riu Maggy que era muito bem disposta. Ora venha almoçar, sua dorminhoca!

— Dorminhoca! — disse Quica, espantada... que horas são?

— Ora veja! Lá vão os pequenos para a escola...

Efectivamente uma rapariguinha passava na rua a pedalar na sua bicicleta, levando às costas a mala dos livros.

— São quási nove horas! riu Maggy... mas não se aflija, prima... quizemos hoje deixá-la dormir à vontade... agora venha. *Mother waits you in the dining-room!*

— Eu sei! Vou já depressa... — E, célere, Quica desceu a escadaria ao encontro de prima Henriqueta que a esperava na casa de jantar.

— Como passaste a noite? — exclamou esta ao vê-la...

— Muito bem! desculpe ter-me levantado tão tarde...

— Não faz mal! Tens tempo de madrugar em começando com o curso... — e para a criada, disse em inglês: — Nancy, traz o leite e as torradas.

Nancy voltou num momento, trazendo um jarro de leite espumoso e deliciosas torradas com manteiga fresquinha.

— O leite e a manteiga são da nossa vaca! disse, orgulhosa, a prima Henriqueta. A Maggy vai-ta mostrar daqui a pouco... em acabando vais com ela até ao jardim... e agora, dize-me coisas da nossa terra e dos nossos.. Como vai a tia Carlota?

— A tia Carlota?... — Quica engoliu em sêco e tornou a repetir a pregunta... — A tia Carlota... não sei, mas parece-me que morreu...

— O quê? *Poor thing!* Tão nova!

— Nova?... Está enganada, prima .. — gaguejou Quica.

— Sim .. Sim... tinha a minha idade!... — brincámos juntas no colégio de Miss Hickling!

— Mas, prima, a última vez que vi a tia Carlota pareceu-me já tão velhinha...

— Velhinha?! Oh! gente nova, gente nova, o juízo que vocês fazem de nós?! Mas quem te ouve, fica sem saber se a tia Carlota morreu ou não!

— Parece-me que sim... mas não sei... morreu concerteza... — E Quica puxava pela lembrança. A tia Carlota era uma velha septuagenária que ela raramente via, pois vivia muito longe no campo. E Quica pensava ainda: se ela não morreu vem a dar no mesmo pois há muito desapareceu da circulação, mas era realmente uma maçada a idéia da prima Henriqueta em querer saber de tão velha parente.

— Pobre Carlota! todos temos de ir! — suspirou resignada a prima Henriqueta. Vou escrever à irmã a dar os pêsames...

— A tia Carlota tem uma irmã? — preguntou Quica, pasmada.

— Pois tem, menina, a Cândida...

— Essa, prima Henriqueta, é que concerteza já morreu... nunca ouvi falar nela...

— Mas a Carlota tem filhos, pois não tem?

— Oh! prima, não sei bem ao certo! Bem vê, não é gente do meu tempo!

— E o Diogo Paim, que era tão amigo de teu avô...

— Êsse... êsse morreu! Nunca o vi mais gôrdo!

— Oh! menina! tu não estás em ti! queres matar toda a gente do meu tempo!

— Oh! prima não é isso... porque me parece... o melhor é escrever à minha mãe, preguntando por tôda essa gente.

— Realmente é o melhor! Verdade eu também qualquer dia me vou...

Cui... Cui... Cui... de novo fizeram os passarinhos.

— Aqui há muitos passarinhos! Disse Quica, achando uma ótima saída, para terminar aquêle massador interrogatório sôbre os parentes que mal conhecia.

— São os protegidos da Maggy! E êles hoje estão regalados porque têm sol...

— Vem vê-los. — E a prima Henriqueta conduziu Quica à janela.

Esta viu um grupo encantador:

Um bando de passarinhos esvoaçava, a chilrear em volta de Maggy; uns poisavam na cabeça, outros nos ombros e esta, falando com ternura, lançava-lhes migalhinhas de pão.

— Que lindo, prima, — exclamou Quica batendo as palmas. A passarada voou assustada com a explosiva manifestação que acabavam de ouvir.

— Ah! grande marota, vê o que acabas de fazer. Venham cá meus pequeninos, venham cá, pois a Quica é amiguinha, e não faz outra.

— Não, não, — disse esta rindo, sou expansiva.

— Bem o sei — disse a prima Henriqueta. És portuguesa e os portugueses têem sempre o coração ao pé da bôca; antes assim... — e a velha senhora abraçou Quica... — Olha vai ter com a Maggy ver a nossa pequena Farm. Venha prima — convidou Mega. Quica desceu então ao jardim. Que bonito era aquêle pequeno jardim onde de entre o verde tapete de relva macia e húmida, espreitavam tímidos os junquilhos e as violetas.

— Vê, prima: *spring is comming...* já começam a rebentar, os passaritos já estão mais contentes, está quási a passar o frio e a chuva!

— Que é isto? estas casas tão engraçadas, sôbre êstes altos postes?

— São as casas para os passarinhos se abrigarem do rigor do inverno... nunca viu?

— Não, nunca tinha visto!

— É costume nosso... isto é o «home» dos passarinhos, aqui têm o teto para se abrigarem e as migalhinhas que lhes mitigam a fome... no verão partem para o bosque, mas voltam aos primeiros frios do inverno! Como verás na Inglaterra há muitos costumes lindos...

— Como em tôda a parte os há... — exclamou a fogosa Quica que não gostava de deixar os créditos do seu país por mãos alheias.

— Bem sei... eu sei que nosso Portugal também os há muitos lindos!

— Quica! Quica! — gritaram algumas vozes vindo do lado da estrada. E Quica, voltando-se, viu surgir na cancela o grupo alegre dos cinco primos.

— Vimos convidar-te para um passeio à floresta... — disse James, todo gravidade.

— E depois almoças comnosco... — convidou David. — E, se quiseres, de tarde dás comigo um passeio de bicicleta. A Mary empresta-te a dela.

— E eu vou com vocês! — gritou Betty.

— Isso é tudo muito bonito! — exclamou Maggy. Vejo, porém, que a vista de Quica os fez esquecer a vossa velha tia! nem sequer uns simples bons dias!

— Oh! desculpe, minha tia! e todos a um tempo, lançaram-se sôbre Maggy que ria, muito divertida.

Maria Evelina

(Continua)

HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ

(Continuação da página 7)

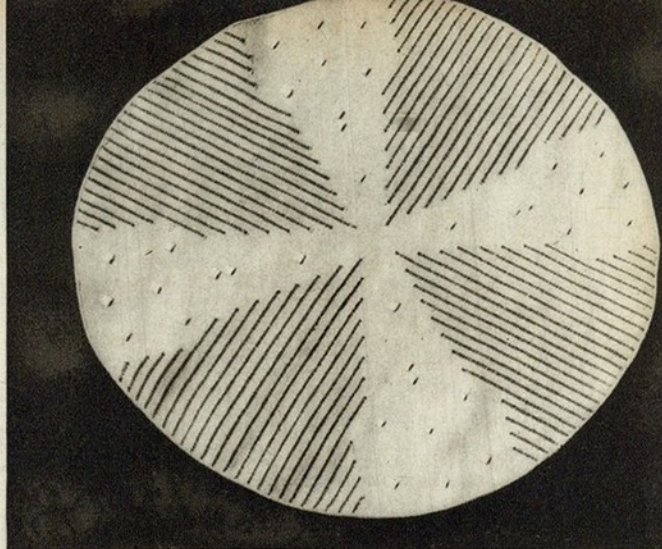
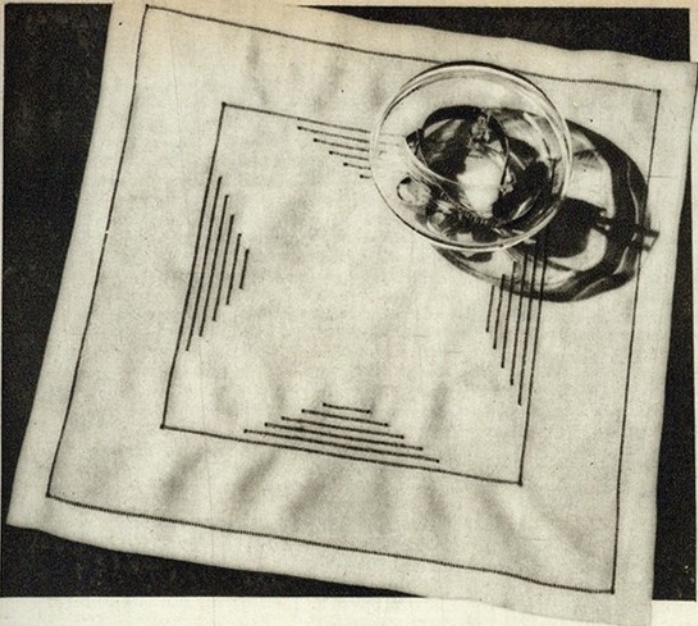
trovão violentíssimo fê-las estacar. Conchita tomou a criança nos braços, mas como assim não via o terreno tropeçou e caiu. Os relâmpagos, cada vez mais brilhantes em zig-zagues de fôgo, iluminavam o horizonte e o trovão ribombava com estrondo medonho.

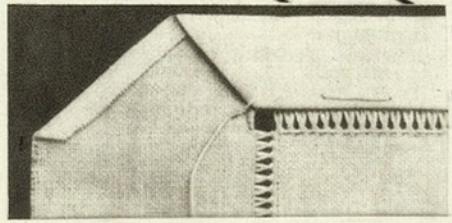
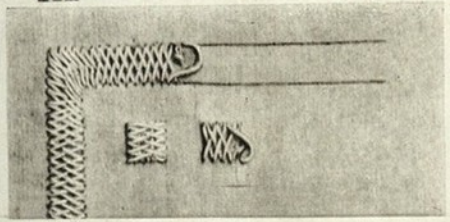
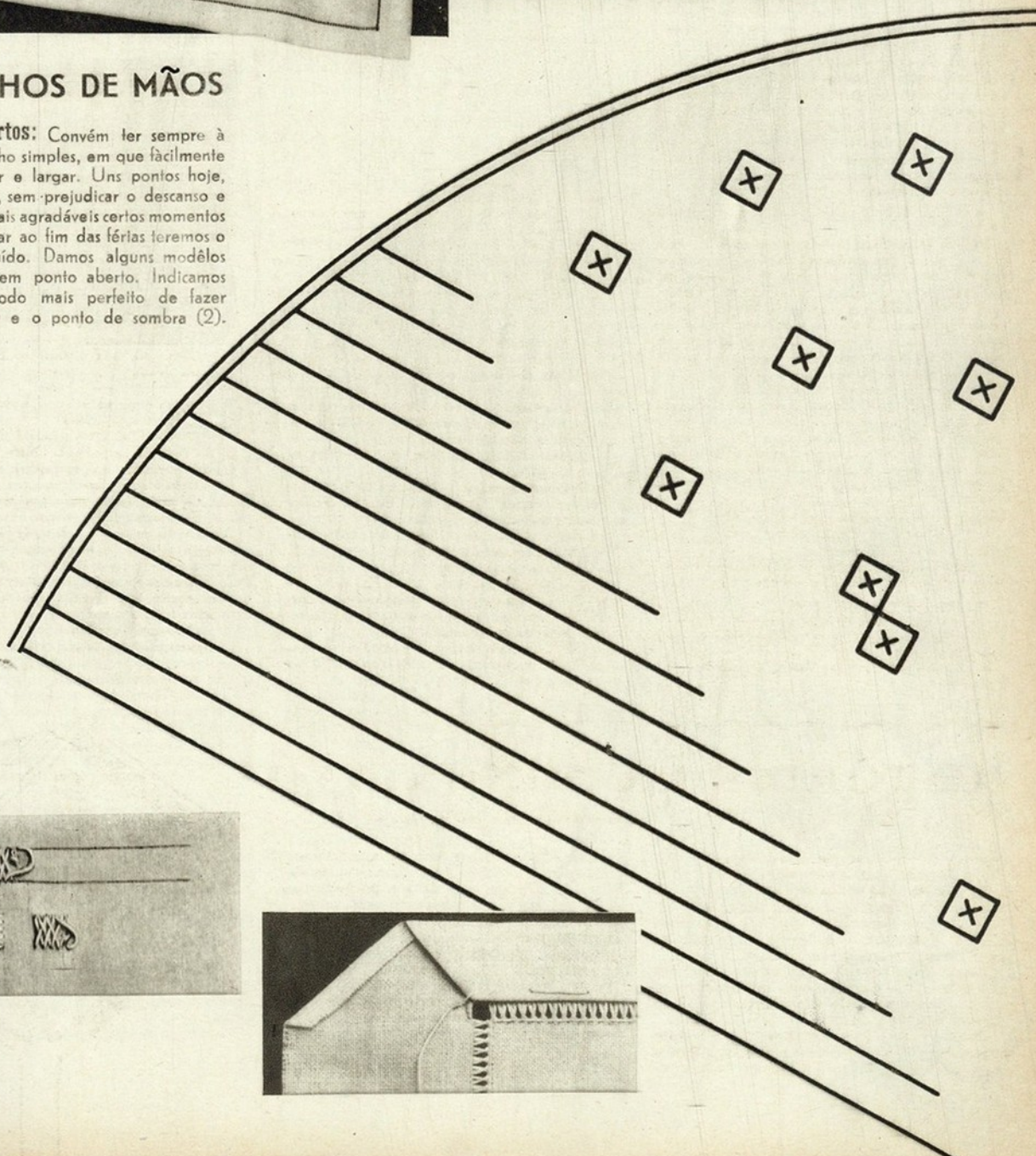
Conchita sentou-se apertando nos braços a menina que chorava convulsamente. A aflição era cada vez maior e a pobre rapariga desmaiou.

Quando os dois irmãos da menina avisados pelos pequenos que chegaram a casa assustados de as não ver, as encontraram, depois de as terem procurado com desespêro por tôda a parte a cavalo, Conchita estava desmaiada e a pequena cansada adormecera sôbre o seu peito. A trovoada ouvia-se ainda ao longe mas a sua alegria foi enorme ao trazerem-nas para casa na frente do selim sem terem sofrido mais do que o susto.

E durante tôda a sua vida que foi longa, nunca minha avó assistiu a uma trovoada que se não lembrasse da sua aventura nos pampas.

Maria d'Eça

(Continua)

TRABALHOS DE MÃOS

Pontos abertos: Convém ter sempre à mão um trabalho simples, em que fàcilmente se possa pegar e largar. Uns pontos hoje, outros àmanhã, sem prejudicar o descanso e tornando até mais agradáveis certos momentos livres, ao chegar ao fim das férias teremos o trabalho concluído. Damos alguns modêlos de trabalhos em ponto aberto. Indicamos também o modo mais perfeito de fazer os cantos. (1) e o ponto de sombra (2).

por **Maria Paula de Azevedo**

Desenhos de GUIDA OTTOLINI

MARIA RITA SOLTEIRA

III

A Luizinha está doentíssima há um mês: tem uma febre tifoide, coitadinha! Os manos mais velhos foram para casa dos Tios e eu fiquei para ajudar a Mãe a tratar dela e a governar a casa. Já fiz 18 anos e tenho muitas obrigações a cumprir. Também tenho de olhar pelo Nuno, que está fraco e precisa de cuidados.

Estávamos tão felizes! E agora vem esta tristeza... A Mademoiselle Sixte diz que Nosso Senhor manda estas «provas» às pessoas para ver como se agüentam no meio delas; que é preciso ter confiança e rezar com muita devoção. Eu sinto-me cheia de esperança nas melhoras da Luizinha.

. . . .

Ontem ouvi a mãe chorar no escritório do Pai: e o Pai nada respondia... Quando o médico saiu, à noite, fui a correr à porta da rua e preguntei-lhe:

— A Luizinha está melhor?

— Não — respondeu êle, com tristeza.

— Mas então?... — tornei eu. Êle pôs a mão em cima da minha cabeça e saiu sem dizer mais nada. E eu fiquei ali, na entrada, encostada à parede, com a cabeça ôca, sem lágrimas...

O Gonçalo, ao entrar, é que deu comigo.

— Mirri! Que fazes tu aqui?!

— A Luizinha vai morrer, Gonçalo...— murmurei.

— Cala-te, tonta! — respondeu êle, brusco. Uma campainha soou nesse momento e ambos corremos, como loucos, para a porta do quarto dos Pais onde está a Luizinha. O Pai abriu a porta devagarinho e disse:

— Ela quer ver-te, Maria Rita. Não chores, não faças barulho.

Entrei no quarto, com o coração a bater... E a meio da larga cama dos Pais pareceu-me tão pequenina, tão pálida, a minha pobre irmã! Ajoelhei-me ao pé da cama, sem poder suster as lágrimas... Nunca eu avaliara o amor que lhe tinha, na vida de todos os dias! Agora vinha-me à idéia certa frase da Mademoiselle Sixte, (que perdeu tôda a família quando era nova):

— Ah, a família... E' como um colar de pérolas que nos liga uns aos outros, que nos prende: quando se rompe o colar... soltam-se as pérolas, ficamos isolados, tristemente...

O nosso colar ia partir-se se a Luizinha morrêsse: pérola das mais finas, coitadinha...

— Adeus Mirri... — ouvi-a eu dizer, baixinho: tão baixinho, com a voz tão sumida que nem parecia a dela! Beijei-lhe a mãosita magra, caída sôbre o lençol e fugi! fugi para não a ver morrer ali ao pé de mim... Como cheguei ao quarto nem sei! Caí sôbre a cama a soluçar; e julgo que perdi os sentidos, pois não tenho bem a consciência do que se passou depois disso. Lembro-me, vagamente, de ouvir passos apressados pelo corredor fora, portas que se abriram e fecharam, a voz da Mademoiselle a chamar: — Rita! — e até me pareceu (coisa impossível) ouvir rir o Xana!

Tudo isto era como num sonho, muito ao longe... E não sei o tempo que duraram estas impressões estranhas.

Por fim a casa caiu num silêncio absoluto. O silêncio da morte... Já meio acordada, eu recordava, agora, a nossa Luizinha, tão cheia de alegria, de vida, que Nosso Senhor chamara a Si com treze anos, apenas.

E veiu-me o desejo ardente de tornar a vê-la; de tornar a beijar aquela carinha linda, em que os olhos, luminosos, azuis como o Céu onde ela já estava, se tinham fechado para sempre... Mas como não sabia o tempo que tinha passado, se horas, se dias, pensei, dolorosamente; — quem sabe se já a levaram? — e levantei-me depressa, admirada de me achar vestida e penteada tal como caíra sôbre a cama, depois de ver a minha irmãsinha a morrer. Sentia-me tonta, trémula... Agarrei-me às paredes e lá fui.

Como tudo estava silencioso na casa habitualmente cheia de movimento! Que horas seriam?? Perto do quarto dos Pais surgiu a Matilde, com um dedo na bôca. — Schiu, para onde vai a menina? — segredou ela, pondo-se diante da porta.

— Quero ver a Luizinha, ama — respondi baixinho.

— Vá-se deitar, menina; tem tempo de a ver amanhã — e empurrou-me, brandamente, para o meu quarto, dando-me um beijo na mão.

E eu obedeci. Despi-me, lavei-me, rezei, deitei-me, sem quási saber o que fazia. No dia seguinte devia ser o entêrro... Adormeci profundamente, exausta de chorar, de sofrer, de rezar.

E quando acordei, na manhã seguinte, vi a Matilde ao lado da minha cama.

— O seu banho está pronto, filhinha. Se a menina quiser ir ver a mana depois do banho, venha ao quarto dos Paisinhos.

— Ama, ama, não te vás embora! — gritei eu vendo a Matilde sair, apressada. — Esqueceu-se de pôr aqui o vestido preto — murmurei, desconsolada.

Arranjei-me o mais depressa que pude; e, quási a correr, fui ter ao quarto dos Pais, cuja porta estava encostada. Onde teriam posto a Luizinha? O que lhe teriam vestido? Naturalmente, o vestido da Comunhão solene que tão bem lhe ficava!

Pela frincha da porta vi que o quarto estava claro, cheio de sol: ia ver a carinha lívida, os olhos cerrados, o caixão coberto de flores... E não me decidia a entrar.

Um soluço irreprimível fez aparecer o Pai à porta do quarto: e caí a chorar nos seus braços amorosos, que me apertaram meigamente.

— Então, então, Maria Rita, não te quero ver chorar, meu amor... — E foi-me levando, assim abraçada, a cara encostada ao seu peito, pelo quarto fora.

— Chega-te bem à cama, Mirri — disse a voz querida da Mãe — viste-a ontem a dizer-te adeus, tens de vê-la hoje...

Mas eu não podia decidir-me a olhar para a Luizinha!

— Porque não abres os olhos, Maria Rita? — preguntou o Pai, admirado.

Então abri, finalmente, os olhos, com o terror de ver a MORTE diante de mim... Mas a Luizinha, sentada na larga cama, pálida e risonha, é que agora me falava!!

— Mirri! não me levou Jesus! Estou tão contente de viver!

A minha louca alegria não se pode escrever num Diário. Abracei os Pais, agarrei-me às mãos de Luizinha a chorar, e só dizia, como uma pateta:

— Não morreste! Não morreste! Não morreste!

A Mãe, então, mandou-me deitar outra vez.

— Vê se ficas na cama até ao almôço, depois te conto tudo o que se passou com a Luizinha e o milagre que Nosso Senhor nos fez...

IV

Como foi bom o nosso Natal d'este ano!

Ao fundo da sala grande armou-se, como de costume, o Presépio; e foi, já se vê, a Luizinha (já optima) que preparou e arranjou tudo. Comprou urze branca, linda (e n'isso gastou as suas proprias economias); e o chão do Presépio estava todo coberto de musgo verdadeiro. Com a lanterninha do Xana pôs luz DENTRO das palhinhas do Menino, o que fazia um efeito impressionante!

Quando voltámos da Missa do Galo (à qual comungou tôda a família) acendemos a luz do Presépio e eu toquei uns cantos de Natal (simples e antigos) que nós duas e os manos cantámos menos mal (somos todos afinados).

O Xana, que é um comilão e, coitado, pouco espiritual, a certa altura desabafou: — Tudo isto é formidavel; mas a canja, agora, vinha ao pintar!

— Você não se envergônha de pensar só em comer? — disse o Gonçalo, indignado.

— Tenho um corpanzil a sustentar: que quer você que eu lhe faça, seu «príncipe Alfenim»? — (o Gonçalo é magro como um palito) respondeu o Xana.

Mas a Mãe atalhou, sorrindo, com a sua bondade habitual:

— Também, filhos, são horas de encetarmos a consoada; vamos para a mesa.

E nem sei dizer quanto nos deliciámos com a ceia quentinha, deliciosa, aquecida, ainda, pela alegria que reinava entre todos!

No dia seguinte, que rico Natal! De ma-

O cabelo a pingar de brilhantina, parecia um espelho...

nhã já todos tínhamos corrido à chaminé da sala, onde se alinhavam os sapatos da família! (e até tínhamos pedido aos Paes que lá puzessem também os seus!). Que barulheira em volta da chaminé! Que alegria louca a do Nuno ao vêr, encostada ao seu sapato... uma biciclette! A proposito das prendas de Natal, não posso deixar de contar aqui que o Miguel, irmãosito da Juca, não só escreveu a sua carta anual ao Menino Jesus, mas... foi deita-la no correio sem ninguém saber!! E quando eu lhe perguntei que morada tinha posto, respondeu com ares superiores:

— Oh Mirri, que havia eu de pôr? CEU, já se vê — Que inocencia, coitadinho. A minha Tia (como a Mãe), tem uma teoria óptima: não se inventam fantasias, nem complicações; mas deixam-se certas ilusões, poéticas e inofensivas...

A Mãe dizia-nos quando eramos pequeninos:

— Não, filhos, o Menino Jesus não pode vir a TODAS as chaminés na noite de Natal. Mas dá ás mães as ideias do que as creanças gostam e precisam, percebem? — O jantar do Natal é sempre cá em casa: Tios, Primos, a Prima Serafina, umas vinte pessoas ao todo.

Eu adoro o Natal! E para nós, Christãos, é a festa ideal, em que parece que renascemos para o Bem...

Quando penso na doença da Luizinha, sinto que mudei imenso de feitio e de maneira de ser. Que exquisito que é! Mas é certo que fiquei diferente: e acho que... melhorei, moralmente.

O pavor que a Luizinha morresse, e que assim, quási de repente, acabasse aquela vida d'ela, tão cheia de alegria e de saúde, fez-me pensar a sério em muitas coisas. A primeira de tôdas é que bem devo agradecer a Nosso Senhor a felicidade que temos cá em casa: a saúde, a alegria, a ternura uns pelos outros (apezar das tarras com os manos)

A segunda é que estou RESOLVIDA a não levar uma vida inutil, só em matinées, cinemas, pic-nics. Embora estas pandegas (o Pae detesta que eu empregue esta palavra ordinaríssima) sejam entremeadas com milhentas lições, é preciso (sinto isso) tornar-me mais UTIL aos outros.

Vou pedir ao Pae que me deixe fazer um curso de enfermagem ou de puericultura (visto que as creanças são a minha paixão).

A terceira coisa é que já não estou tão decidida a casar com o José João.

No Domingo das corridas vi-o com os manos, depois de nos falar, a dar-se imensos ares! O cabêlo, a pingar de brilhantina, parecia um espelho; e no meio de meninas genero «estrêlas» de cinema, de cigarro na bôca, só se ouviam as gargalhadas d'êle e o seu habitual vocabulário, que, realmente, me soou mal. De repente, a ideia que poderia casar com êle deu-me um grande arrepio pelas costas abaixo! O melhor é não decidir, por ora, com quem hei-de casar. Afinal... isto de casar, é muito sério! Quando penso que ainda não há seis meses que fui ao casamento da Miquinhas e já se diz que eles querem divorciar! Que vergônha... Eu já a encontrei no cinema: e pareceu-me felicíssima! mas era porque acaba de receber uma enorme herança, disse-me ela.

Morreu-lhe, no Brazil, uma tia que nunca viu e a Miquinhas é a herdeira única.

— Não há nada que valha a «massa» — declarou-me — é a mola real da vida!

— Oh Miquinhas! — gritei eu indignada.

— É como te digo, minha rica — tornou ela — O dinheiro vale MAIS que tudo! — Eu talvez conheça pouco da vida, sim; mas o que sei, com certeza, é que o dinheiro NÃO substitue a alegria, a saúde, o amor...

E também sei que não trocava aquêle ar de alegria POSTIÇA que tem sempre a Miquinhas, pelas alegrias que nós temos cá em casa, tôdas bem verdadeiras, embora feitas de mil coisas pequeninas!

Também fiz uma descoberta COLOSSAL... e ainda não falei n'ela a ninguém. É que o Gonçalo está apaixonado! E como é pela Juca, que é uma autentica SANTA, fiquei radiante com a minha descoberta. O mais engraçado é que êle julga que ninguém percebeu ainda; mas os Paes desconfiam, com certeza.

Êle vai, êste ano, fazer o serviço militar, embora esteja no 3.º ano de Direito; o seu desgosto é ter de marchar para o Algarve! E a Juca (que está longe de suspeitar que eu descobri tudo), dizia-me hontem:

— Então o Gonçalo sae de Lisboa agora? Olha que vae fazer falta em casa, não vae?

— Se vae! — respondi eu — e não só aos da casa, Juca; a todos que o conhecem — A Juca, um pouco còrada, tornou:

— É uma joia, o Gonçalo: não ha dois como êle...

Então eu não pude resistir, dei-lhe um beijo repenicado na bochecha e exclamei, a rir:

— Escusas de disfarçar, Juca: vocês dois adoram-se e hão-de casar com certeza!

A pobre e tímida Juca não teve a coragem de negar; com os olhos humidos... olhou para mim a sorrir e... não disse nada!

Mas o Gonçalo veiu ter comigo ao quarto de estudo.

— Então a menina saiu-se casamenteira?

— Adoro casamentos, bem sabes! E acho que o melhor é vocês participarem isto a todos e casarem já: o mais depressa possivel! — exclamei, entusiamada. Com espanto meu, o Gonçalo fez-se sério e respondeu:

— Como és creança, Mirri! A querida Juca e eu havemos de casar, se Deus quizer; mas ha-de ser para termos a NOSSA casa, o NOSSO viver, os nossos filhos — Eu só pensava no amor d'eles um pelo outro e esquecia-me de que, para casar e ter casa, é preciso também ter maneira de ganhar a vida...

— Mas antes de me ir embora ficamos noivos — tornou o Gonçalo — e assim já a minha adorada Juca passa a fazer parte do «bloco»! — O ar apaixonado com que o Gonçalo disse isto pareceu-me tão romantico, que me impressionou deveras! (o Pae costuma chamar o «bloco» ao nosso conjunto de paes e filhos).

CHÁ DA COSTURA

Clara tapava os dois ouvidos perante a algazarra que reinava na sua saleta: era a primeira reünião depois das férias.

— Não há direito! — gritava, excitada, Joana, tentando dominar as outras vozes.

— Mantenho o que digo: a Júlia andou mal! — dizia Alice.

— Andou bem! — exclamou Maria José.

— Oh meninas, que maluqueira esta! — disse Clara, empurrando-as, com firmeza, para os seus lugares habituais. Calaram-se, enfim. E Clara preguntou: — Mas do que se trata, afinal?

Recomeçou o borborinho.

— Fala tu, Rita — tornou Clara, com calma.

— Nem vale a pena discutir se a Júlia andava bem ou mal, Clara — meteu Maria José — O que devemos pôr em pratos limpos (e tu melhor da que nós tôdas juntas) é o caso em dia: uma rapariga católica, praticante, de boa sociedade, pode ou não, fazer um certo número de coisas que são censuradas pela religião e pela boa educação??

— Evidentemente que não — respondeu Clara.

— O caso não está posto como deve ser, Clara — disse Alice.

— Eu explico — cortou Joana — Os padres não gostam que nós dancemos o tango e outras danças parecidas. Não gostam também que usemos êsses fatos de banho chiquíssimo e estupendos que constituem a *Moda*. E então...

— Os *pais* também não gostam; pelo menos, os meus... — cortou Rita.

— E então havemos de tornarnos ridiculas, não aparecermos nas praias, dançar só os Lanceiros da era dos Afonsinos e passar horas sentadas ao lado das mamãs, com os joelhos bem unidos e um guarda-sol a tapar a pinha? — exclamou Joana, vermelha de excitação. Êste quadro, de realização pouco provável na época em que estamos, provocou o riso geral. E Clara, com o seu habitual bom senso, disse:

— Oh Joana, que série de disparates! Há mil danças, mesmo modernas, que podem dançar-se com naturalidade, com arte, com ritmo... sem ser o tango em que os pares se agarram de uma maneira que nada tem de fino... E há fatos de banho igualmente estupendos e *chiquíssimos* que são simples e decentes. O que se não admite (e já tantas e tantas vezes nos têm explicado isto mesmo) é a *incoerência* entre as boas teorias e as detestáveis práticas!

— Diz isso em português, sim? — pediu Joana.

Clara riu:

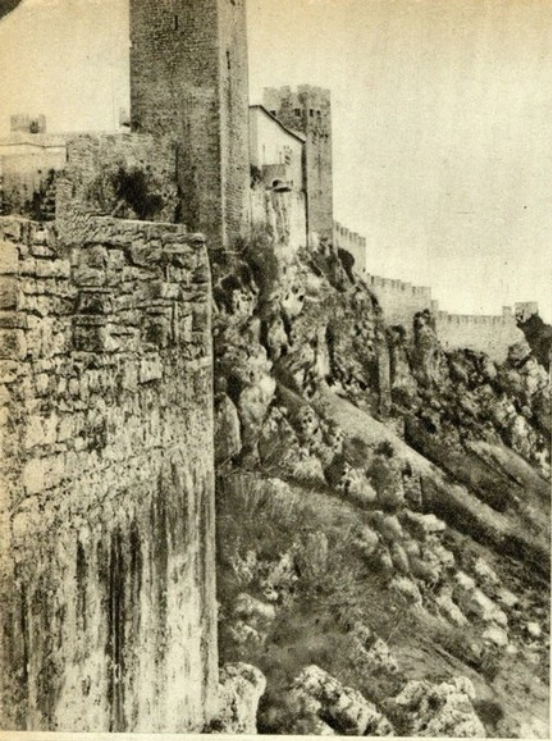
— As raparigas que de manhã se apresentam, com devoção sincera, a comungar não podem, é evidente, apresentar-se na praia com fatos reduzidos à caricata sainha rodada e pouco mais...

— A Júlia... — meteu Alice.

— Não é essa Júlia — continuou Clara — que faz escândalo na praia... e usa uma colecção de medalhas e bentinhos ao pescoço?

— Tal qual! — exclamou Maria José.

— Não está certo, não — concluiu Clara quási com gravidade. As católicas devem portar-se como manda a religião católica, *sempre* e em tôda a parte onde estejam...

Era a primeira reünião depois das férias

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

Estes quatro sonetos foram feitos e recitados pelas suas autoras durante a excursão das alunas da VI Escola de Graduadas de Lisboa.

SAÜDADE

Eis que o Sol se aproxima do poente
Mostrando-nos, em todo o seu esplendor,
O terminar dum dia encantador
Que fica em nós gravado para sempre!

Ó Graduadas, queridas companheiras!
Ó elite da nossa Mocidade!
Recordar êste dia com Saüdade,
É esquecer tantos dias de canseiras!

Dia que marca o fim dum belo sonho
Em três dias vivido! — tão risonho —
A contemplar belezas sem igual!

Que ao recordá-lo, possamos afirmar
Que Deus está, dia a dia, a abençoar
Êste nosso tão qu'rido Portugal!

Maria Luísa Gomes dos Santos
Chefe de falange

PRECE...

Junto ao altar de Deus, ajoelhou
Uma pobre vèlhinha em oração
De mãos postas bem junto ao coração
Fitando o seu Senhor, assim rezou:

— A minha prece, a Ti, sem hesitar
Pelos jóvens dirijo, ó bom Jesus!
Guiados sempre pela Tua Luz,
Por Ti, hão-de sofrer e... triunfar!

Triunfar, sim! Disso tenho a certeza
Pois em paz, esta terra portuguesa
Também luta! Mas luta p'lo ideal

De conquistar p'ra Ti a humanidade
Confiando a missão à Mocidade,
Herdeira dos heróis de Portugal!

Maria Luísa Gomes dos Santos
Chefe de falange

SENHOR...

Maria de Lourdes Pintassilgo
Chefe de Castelo

Noite límpida, serena, de luar
Que banha a terra casta e docemente...
Ouve-se o murmúrio plangente
Do marulhar contínuo do mar...

Rezam as ondas suave oração
Só feita de perfume e de magia...
E a ilusão dum sonho que nascia
Sorria ao meu pobre coração...

Não eram sonhos vãos da mocidade
(Sonhos de pobre e cândida criança)
Não; era outra luz, outra suavidade

Que a alma deseja... e não alcança...
Era um sonho de eterna felicidade
Onde já brilha a luz da esperança...

AVANTE!

Avante! Oh! Mocidade, com ardor,
A combater, serena, nas fileiras
Da paz, da caridade e do amor,
A doutrina de Cristo nas bandeiras!

A atroz guerra que tudo já arraza
Não entrará jàmais em Portugal;
Pois com a forte Fé que nos abrasa
A Deus reza a Mocidade sem rival!

Corações ao alto, olhos no Senhor,
Lutai, ó Mocidade, com fervor,
Da Pátria preparando a felicidade!

Deus vela por quem n'Êle confia!
Iremos, pois, com tão Divino Guia!
Avante, pela Pátria, Mocidade!

Maria de Lourdes Pintassilgo
Chefe de Castelo

— NOTA DA REDACÇÃO

A lisonja de D. Leonor Mascarenhas, em «Perfil de Antanho», dos n.ºs 63-64, Julho-Agosto, por lapso tipográfico saíu invertida, devendo trocar-se os campos e a posição do timbre.

Castelos de Leiria e Óbidos, visitados durante a Excursão da VI Escola de Graduadas de Lisboa